

## Pensando sobre o pensamento feminista

Carmen Silva

---

O feminismo chegou pra mim como uma possibilidade de entender a vida que eu vivo, a angústia que eu sinto, a revolta que me acomete quando olho o jeito que o mundo é, mas me tomou também como esperança, como forma de vivenciar a resistência construindo seus sentidos, como caminho de luta por transformação. Penso que muitas de nós percebem o feminismo assim, mas cada uma com suas nuances, com as reflexões que tem a ver com suas histórias e suas opções, ou a falta delas. Pensar o feminismo é um exercício necessário para vivê-lo, sozinha ou com todas, e para fomentar a insurgência feminista capaz de transformar o mundo e nossas vidas.

Teorizar sobre uma situação social consiste em utilizar referências conceituais (instrumentos pra pensar) e metodológicas (jeito de pensar) para descrever, explicar, interpretar ou compreender esta dada situação e suas relações com outras situações. Historicamente, e em distintos contextos, foram formuladas diferentes teorias sobre a sociedade. Todavia, apenas uma tem se preocupado especificamente em ter as mulheres como questão e como sujeito de conhecimento, o feminismo.

Entendo que o feminismo é uma teoria sobre as mulheres e também um movimento social que propõe alterações na situação das mulheres. É também algo que construímos dentro de nós e que confere sentido às nossas ações e faz a gente compreender melhor a nós mesmas. Para algumas correntes teóricas feministas o fundamental é descrever e expor ao mundo como vivem, pensam e agem as mulheres, para outras é necessário interpretar ou compreender esta situação e para outras ainda há que explicar as causas das desigualdades e como elas se constituem. As diferentes correntes feministas têm em comum um olhar centrado nas mulheres. Todas tomam por base diferentes visões sobre a sociedade e as relações sociais nas quais as mulheres estão inseridas e também visões sobre como se produz o conhecimento sobre isso, muito embora nem sempre as explicitem.

Pensando que a razão de existência do feminismo enquanto movimento social é a luta contra o patriarcado e que este sistema está enredado em uma trama que entrecruza o sistema capitalista colonial e o racismo, compreender as relações sociais de classe e raça, além das relações entre os sexos, torna-se fundamental pra pensar o feminismo. Interessa-me refletir sobre as formas de produção e reprodução deste sistema social e também refletir sobre um certo modo de produção de conhecimento a ele ligado. A compreensão sobre o patriarcado como um sistema de estruturas e práticas sociais em que os homens dominam e exploram as mulheres, exige não apenas uma explicação consistente sobre as razões desta dominação como também sobre as formas como ela se expressa atualmente nos diferentes contextos sociais.

No Brasil, as diferentes expressões político-organizativas do movimento feminista não têm correspondência direta com as várias correntes teóricas feministas, embora guardem relação. Na América Latina, estudos sobre a construção histórica do movimento apresentam imbricações de diferentes vertentes teóricas no interior das articulações políticas (movimentos). Tem também articulações político-organizativas que, em si, trazem elementos novos para a teoria feminista, apresentando-se elas mesmas como correntes teóricas, como o feminismo negro, o feminismo lésbico, o transfeminismo e o feminismo comunitário, por exemplo, embora tenham sensíveis diferenças internas em cada uma.

Vou comentar aqui um modo de ver e construir o feminismo. É um ponto de vista e, como todos os pontos de vista, é o modo de ver a partir de um ponto, um lugar no qual me situo na vida, no mundo e nessa construção do feminismo. Quero ver o feminismo a partir das condições materiais e subjetivas das mulheres,

a partir da resistência cotidiana e das lutas coletivas contra o sistema que nos domina e nos explora. Entendo que nos autodeclararmos feministas é importante e necessário, mas isso por si só não altera a minha situação e nem a situação das mulheres como um grupo social. Para isso é preciso muita luta.

Neste modo de ver com o qual eu comungo, nós mulheres somos um grupo social que tem em comum viver sob a dominação e exploração de outro grupo social, os homens. Não significa que todos os homens sejam a favor da dominação e exploração das mulheres, mas sim que todos são beneficiados pela ordem patriarcal. Temos também desigualdades entre nós, mulheres, porque compomos, junto com homens, outros grupos sociais, formados a partir da dimensão de classe e de raça e etnia, entre outros. Ou seja, nós mulheres somos índias, pretas e brancas, trabalhadoras e patroas, por exemplo, e temos como contexto de vida lugares/países com distintas inserções no sistema capitalista colonial e racista. A existência de um grupo social com determinadas características não é uma explicação para a manutenção da ordem capitalista, patriarcal/heterossexista e racista, há outros fatores que sustentam esta ordem como a colonialidade, as ideologias, a organização da vida social, etc. Para aprofundarmos este debate seria necessário ir mais a fundo no debate sobre as relações entre os grupos sociais distintos e antagônicos, mas não é possível aqui.

Pensamos que uma forma interessante de ler o mundo é tentar ver sua organização sistêmica, ou seja, com estruturas que a sustentam, articuladas em suas várias dimensões materiais e simbólicas, culturais, econômicas e políticas. Estruturas não são colunas imutáveis, são construções sociais fortes, que tem grande solidez, mas que por serem um momento de um processo histórico podem ser passíveis de transformação, mas, para que isso ocorra é necessária uma grande força capaz de abalar seus alicerces, ou seja, os seus elementos de sustentação. Adotamos a ideia de sistema e de estruturas de uma forma aberta, como elementos suscetíveis a mudanças parciais e transformações radicais, a partir da ação dos grupos oprimidos que se constroem como sujeitos políticos.

O capitalismo é um sistema que tem como elemento central de sustentação de suas estruturas a exploração. Isso significa dizer que ele organiza a humanidade em classes a partir deste elemento. Quem só tem sua força de trabalho, a potência do seu corpo, tem que vendê-la para seguir garantindo sua vida através do assalariamento. E vende pra quem pode comprar porque tem meio para produzir e ter lucro com isso. E quem compra consegue ficar rico, ter lucro, a partir do trabalho dos outros, porque só o trabalho produz riqueza. Hoje, o sistema é bem mais complexo que essa equação simples, que tá na base dele. E muita gente que só tem seu corpo como meio para garantir sua vida não consegue sequer ser assalariada.

O racismo é um sistema que tem como base a negação do outro como ser humano com objetivo de dominação e exploração. Ele já existia antes mas teve grande desenvolvimento com a expansão capitalista no período forte da colonização. A Europa esteve no centro desse processo e conseguiu, pela violência, dizimar e/ou dominar os povos originários dos países colonizados e escravizar povos sequestrados de África e deslocados para a América. Uma de suas estruturas fundamentais é a utilização de características físicas e culturais como elemento ideológico de construção da raça negra e dos povos originários como algo que não tem valor e sentido humano, e que, portanto, são corpos que podem ser utilizados como mercadoria ou simplesmente dizimados. Outro elemento de dominação indispensável ao racismo foi o poder religioso, separando, violentando e submetendo os que não seguem os seus preceitos; ou gerando desigualdades e injustiças pelos seus preceitos, conforme podemos ver não só sob a perspectiva racial, mas também em relação às mulheres e as pessoas cuja sexualidade está fora da ordem heterossexual.

O patriarcado é a exploração e dominação dos homens sobre as mulheres em todos os âmbitos da vida, o que inclui como dominado tudo que se assemelhe às mulheres, ou que seja tido como feminino, as pessoas afeminadas. A criação do sexo e do gênero, como masculino e feminino, foi a estrutura que possibilitou esta dominação. Ela tem bases na divisão social do trabalho; no controle do corpo, da sexualidade, da procriação; nas interdições ao poder; e na violência. Isso significa dizer que o patriarcado

tem como elementos centrais a dominação e a exploração das mulheres em todos os âmbitos da vida. Ele gera em nós uma subjetividade oprimida que oscila entre a acomodação e a resistência, entre a subordinação e a rebeldia.

Estes sistemas não existem na vida real de forma separada. Eles estão completamente imbricados e tem elementos comuns. Todos eles se baseiam na exploração e dominação de um grupo social sobre outro, todos têm bases materiais e simbólicas, todos fazem uso do corpo como elemento chave e se articulam utilizando formas de coerção e de produzir adesão por consenso. As mulheres, pessoas negras e povos originários, os/as trabalhadoras/es são classes de pessoas que estão num polo destes sistemas que se contrapõem ao outro polo, daqueles que dominam e exploram e que são uma minoria com muito poder. Não se trata, apenas, de relações individuais, intersubjetivas, entre os indivíduos. Estamos falando de sistemas que se organizam com base em relações sociais, relações entre grupos que são antagônicos, que têm contradições entre si, no sentido de que a boa vida de uns é a péssima vida de outros. Ou seja, uns sofrem porque outros estão sendo beneficiados com este sofrimento.

Por que fazemos esta leitura de mundo o feminismo que nos interessa precisa ser antissistêmico. Ele precisa ser um movimento para agregar as mulheres em luta contra todas as formas de exploração e dominação dos seus corpos e suas vidas, incluindo aí o produtivismo, o consumismo, a devastação da natureza e a mercantilização dos bens comuns, que são a base do desenvolvimento capitalista/racista/patriarcal na sua forma atual. É nosso corpo, é nossa vida que está no centro desse jogo de poder. Pensar um feminismo antissistêmico exige lutas capazes de deslocar esta estrutura de poder, mas exige também estratégias de alianças prioritárias com quem se encontra sob jugo da exploração e dominação. O nosso feminismo quer juntar, especialmente, mulheres da classe trabalhadora, negras, índias, periféricas, camponesas, e todas aquelas que tem seus corpos, sua sexualidade e suas identidades negadas por este sistema opressor.